A SABEDORIA DE DEUS  
  
Alguns talvez situem a sabedoria de Deus no contexto de seu conhecimento e entendimento. Embora não se possa considerar, de uma forma adequada, nenhum atributo isoladamente de uma ratificação de todos os atributos divinos, para Charnock a sabedoria de Deus merece sua própria análise porque sabedoria é diferente de conhecimento. Essa seção da obra de Charnock é extremamente minuciosa, e aqui serão destacadas apenas algumas das ideias mais proeminentes.  
  
Em primeiro lugar, sabedoria é aquela qualidade mediante a qual alguém age visando um fim justo. Além do mais, a sabedoria tem em vista não apenas o fim, mas também o meio que produz aquele fim. Quando Deus age, ele o faz de acordo com o conselho de seu próprio e infinito entendimento. Ninguém é conselheiro de Deus. Charnock fala da vontade divina como algo que não é imprudente, mas segue “as proposições da mente divina; ele escolhe aquilo que é mais apropriado para ser feito". Conhecimento e sabedoria diferem no fato de que conhecimento é “a apreensão [assimilação] de uma coisa, e sabedoria é a designação e ordenação de coisas”. Deus possui uma sabedoria essencial e abrangente (omnisapientia). O Filho de Deus é, contudo, a sabedoria pessoal de Deus. A sabedoria, na condição de perfeição necessária em Deus, se manifesta no Filho de Deus, que “abre para nós os segredos de Deus". A sabedoria é um atributo; pertence à essência de Deus, e, devido à simplicidade, ela não é algo adicionado a Deus.

Por esse motivo, em termos estritos, só Deus é sábio (Rm 16.27) de uma forma perfeita, universal, perpétua, incompreensível e infalível. A sabedoria de Deus tem de ser consistente com seus outros atributos, o que é outro motivo de, no sentido estrito, só ele ser sábio, embora suas criaturas, feitas à sua imagem, sejam sábias por derivação. Charnock assinala que, uma vez que Deus possui sabedoria infinita, alguns (p. ex., Suárez) afirmaram que Deus “não somente é sábio, mas está acima de toda sabedoria". Deus manifesta sua sabedoria na Criação e no governo de suas criaturas, mas a sabedoria de Deus na redenção “faz a mente ficar ainda mais perplexa". Em seu estilo típico e esplêndido de descrever as glórias da redenção, Charnock se refere à Criação como as “pegadas” da sabedoria de Deus, mas a obra de redenção como o “rosto” da sabedoria de Deus.  
  
Na pessoa e obra de Jesus Cristo, a sabedoria reluz de uma forma tal que não se vê em nenhum outro aspecto da relação de Deus com a criação (Cl 2.3). No evangelho, a sabedoria de Deus é descrita de várias maneiras, sendo que todas servem para confirmar a afirmação de Charnock de que a sabedoria é um atributo essencial de Deus mediante o qual todos os atributos de Deus são regulados. A sabedoria manifesta no evangelho é uma sabedoria oculta (1Tm 1.17), também conhecida como mistério. Na redenção existem, em vez de um único ato, inúmeros fins e meios que mostram a glória de Deus em sua sabedoria. Por exemplo, no evangelho aprende-se sobre a “conjunção de duas naturezas [...] a união da eternidade com o tempo, da mortalidade com a imortalidade: a morte se transforma no caminho para a vida; e a vergonha, a vereda para a glória”. A sabedoria de Deus é exibida no fato de que tanto a justiça quanto a misericórdia de Deus são satisfeitas: "a justiça, no castigo, e a misericórdia, no perdão".

A obra de Cristo manifesta a sabedoria de Deus, mostrando-o como justo e também como o justificador dos ímpios; mas a pessoa de Cristo também revela a sabedoria preeminente de Deus, pois na encarnação o finito se une ao infinito, a imortalidade se une a mortalidade, e uma natureza que fez a lei se une a uma natureza sob a lei, tudo em uma única pessoa. Essa união “transcende todas as uniões visíveis entre criaturas” e, por esse motivo, é incompreensível. E, embora o finito jamais possa conter o infinito, nem mesmo na união das duas naturezas, mesmo assim a natureza divina se une em cada parte da natureza humana de Cristo. Por causa da encarnação, o Filho de Deus é capaz de fazer mediação entre Deus e a humanidade pecadora. Charnock expressa-o muito bem com as seguintes palavras:

"Ele é um verdadeiro Mediador entre pecadores mortais e o Justo imortal. Ele esteve próximo de nós mediante a fragilidade de nossa natureza e de Deus mediante as perfeições da divindade; tão próximo de Deus em sua natureza quanto de nós em nossa natureza; tão próximo de nós em nossa natureza quanto de Deus na natureza divina. Não há nada que pertença à divindade e ele não possua; não há nada que pertença à natureza humana com que ele não esteja vestido. Ele possuía tanto a natureza que ofendera quanto a natureza que fora ofendida; uma natureza para agradar a Deus e uma natureza para agradar a nós; uma natureza mediante a qual ele conhecia por experiência a excelência de Deus, que foi insultada, e entendia a glória que lhe era devida e, por consequência, a enormidade da ofensa, que devia ser medida com base na dignidade de sua pessoa; e uma natureza mediante a qual podia sentir as aflições experimentadas pelo ofensor e suportar a miséria merecida pelo ofensor, para que pudesse tanto ter compaixão do ofensor quanto fazer a devida reparação por ele".  
  
Em resumo, a encarnação revela a sabedoria que Deus empregou ao designar o Filho como mediador. Só o Deus-homem poderia efetuar reconciliação entre Deus e o homem, e a comunhão com Deus só nos é possível porque Deus se tornou homem. [...] A encarnação é, então, uma das muitas maneiras com que Deus revelou sua sabedoria aos homens. Mas a sabedoria de Deus, que combina, entre outras coisas, a misericórdia e a justiça, não seria eficaz se Deus não fosse poderoso.

Fonte: Teologia Puritana, pág. 119, 121. Editora Vida Nova.